

# MAGRE VIVA

Director: ANTÓNIO SANTOS

SEMANÁRIO

ANO III N.º 124 — Preço 5\$00 — 30/11/78

## CINANIMA 78



### O ÊXITO CONFIRMADO

Se dúvidas havia quanto à razão de ser do CINANIMA, o próprio Festival se encarregou de as desfazer, numa afirmação de força, de prestígio e implantação crescentes que dificilmente poderão ser negados. Durante cinco dias Espinho foi nome citado nos meios de comunicação, foi experiência vivida por numerosas personalidades estrangeiras que da nossa cidade levarão uma imagem bem positiva, porventura mais lisonjeira do que mereciam os poucos esforços oficiais para aproveitar esta ocasião soberana para a promoção turística de Espinho.

Durante cinco dias foi o contacto estreito e aliciante de milhares de crianças e adultos, de estudantes interessados e curiosos, com um forma de cinema que é, inegavelmente, um

fascinante maneira de ver o mundo e os homens. Foi todo um trabalho no sentido de tornar popular o encontro, a descoberta de um cinema que muitos ainda consideram secundário.

E ao longo do Festival foi também a Nascente que saiu reforçada perante os sócios e população em geral, aos olhos de quantos persistem em negar o que é evidente, na presença de entidades nacionais e estrangeiras cujo apoio poderá ser preciso para futuras iniciativas.

Foram muitos meses de trabalho esforçado, de investimento numa aposta colectiva de que muito há ainda a esperar para Espinho, para a Nascente, para quantos o Cinanima há-de ter um significado cada vez mais vivo e aliciante.

## Infantário de Espinho — Do papel à realidade

Está concluída a edificação do novo infantário de Espinho. Situado na Av. 24 em frente ao hospital, o novo infantário irá com certeza contribuir para resolver o problema de muitas famílias que até aqui vêem a sua vida dificultada por não terem onde pôr os filhos nas horas de trabalho. Por esse facto e ainda porque o processo de construção do infantário seguiu por vezes caminhos tortuosos e insólitos, resolvemos tratar do assunto.

A este processo seguiu-se uma longa troca de ofícios entre a Câmara e o IOS (e, note-se, continua na página 3)

### A HISTÓRIA

Segundo o projecto inicial, o infantário de Espinho deveria ser um edifício pré-fabricado em madeira. A obra foi adjudicada a uma firma, a SEICLA, pela Direcção do Instituto de Obras Sociais (o IOS) em Dezembro de 1972 pelo valor de 4.048 contos; o termo da obra estava então marcado para Abril de 1973. Após algumas complicações surgidas com correcções do projecto inicial, começou a SEICLA a construção do infantário e fê-lo num ritmo de tal maneira lento que na altura prevista para a conclusão da obra ainda não se tinha sequer iniciado a montagem dos painéis. Depois de ter efectuado algumas diligências junto da SEICLA decidiu o IOS rescindir o contrato.

Foi então que o projecto inicial foi modificado, prevendo-se a construção do infantário como o conhecemos agora, em betão armado e tijolo. Mas o novo concurso teve de ser anulado por causa de discrepâncias surgidas nas propostas conforme estas consideravam as obras já realizadas pela SEICLA.



## Teatro Mexicano em Espinho

EM COLABORAÇÃO COM O FITEI

### NANDYELLI / CLETA

«MÍMICA DEL OPRIMIDO»

DIA 1 DE DEZEMBRO

AS 21,30 HORAS

na ESCOLA SECUNDÁRIA (INDUSTRIAL) DE ESPINHO

INTEGRADO NA OPERAÇÃO «PIRÂMIDE»

— Organização da Cooperativa Nascente

## Bairro Piscatório

### Criança abandonada - criança marcada

Alta ocorrência de parasitas intestinais, destruições totais de dentes, percentagem elevada de casos de anemias, muitos casos de raquitismo — eis algumas das informações recolhidas por uma equipa de médicos que procedeu a um estudo dos problemas de alimentação das crianças até aos cinco anos, no Bairro Piscatório.

Escolhido pela equipa chefiada pelo Dr. Norberto Santos, professor na Universidade do Porto, pelas suas características particulares, o Bairro veio a revelar-se, na verdade, um excelente local de análise e recolha de elementos. Como nos diria o Dr. Norberto Santos, «o facto de se tratar de uma zona habitacional com uma personalidade própria, bem demarcada do resto da cidade, juntamente com a boa recepção que nos foi dada pelas pessoas, criaram boas condições para o desenvolvimento do nosso trabalho».

continua na página 3

MARCAS  
DE  
SUBDESENVOLVIMENTO  
QUE  
ACOMPANHAM  
A  
CRIANÇA  
PELA VIDA  
FORA.

# COOPERATIVAS

## «ABERTAS» ou «FECHADAS» ?

O programa «Cooperativas de Consumo em Movimento» transmitido no último sábado sugere-nos alguns comentários ao facto noticiado de que determinada cooperativa «aberta» (que vende a sócios e não sócios) tinha em 1972 700 sócios e em 1977 mais de 3.000.

Aqui reside a nossa dúvida: Será possível existir espírito cooperativista numa Cooperativa com mais de 3.000 sócios? Quais as possibilidades de contactos frequentes entre si? Que eles poderão ligar tão elevado número de pessoas? Que «sensação de diferença» encontrarão os sócios quando compram na «sua» loja ou em qualquer supermercado capitalista? Como poderá fazer-se o abastecimento correcto de tantos consumidores?

É sabido que em alguns países capitalistas existem cooperativas deste tipo, com muitos milhares de sócios, mas nessas temos a certeza da não existência de qualquer espírito cooperativo, pois somente impera o interesse económico, que é de ter em conta mas não chega.

Contraopondo a este tipo de cooperativas julgamos que será mais razoável a existência de pequenas lojas lo-

calizadas nos pontos mais populacionais.

Assim será possível maior comodidade para os sócios, melhor espírito cooperativo pela proximidade e conhecimento entre os mesmos, número mais limitado de associados, melhor conhecimento das características de consumo das determinadas zonas.

E porque uma loja cooperativa deve ser o local de distribuição dos bens comprados em conjunto para todos os seus sócios, entendemos que todos os factores apontados devem ser bem ponderados quando se pretende optar por uma cooperativa «aberta» ou «fechada» (que só vende aos seus associados).

Ainda em relação a uma Cooperativa aberta de mais de 3.000 associados ocorrem-nos perguntas como procederão os seus responsáveis, aquando da falta de determinados bens essenciais (casos do bacalhau, azeite, óleo, açúcar, etc) em relação aos sócios que por razões várias pouco compram na cooperativa e os não sócios que também por qualquer razão não querem ser sócios, mas que compram na cooperativa tudo quanto necessitam.

## Eleições na COOPESPINHO

No passado sábado, nas instalações da Coopespinho, à rua 62 n.º 330, realizou-se a Assembleia Geral destinada a eleger os seus Corpos Gerentes para o biênio de 1979/80.

Este acto eleitoral foi bastante concorrido e ficou a marcar a primeira reunião da A. G. na sede social, que, embora esteja a passar por profunda remodelação, já permitiu que os sócios ali se reunissem.

De salientar o facto dos sócios terem aproveitado para, da forma mais informal, vistoria-

rem as obras e dialogarem sobre as perspectivas da abertura e funcionamento da loja, sobre consumos e questões económicas, dando lugar a uma agradável confraternização, cada vez mais necessária entre pessoas que se preocupam com a melhoria da vida colectiva.

Dos novos Corpos Sociais são presidentes: da Assembleia Geral, Manuel Domingos Correia da Silva; da Direcção, Alvaro Matos Monteiro Mendes; do Conselho Fiscal, Alfredo Casal Ribeiro.

## DESTRUIÇÃO DO CUNHO MEDALHÍSTICO

No próximo dia 1 de Dezembro de 1978 pelas 15 horas, na Sede da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários Espinhenses, vai proceder-se à destruição do cunho da medalha comemorativa dos 50 anos da Fundação da referida Associação. Convidam-se os Sócios e Amigos a assistir a este acto, o qual representa garantia para a colecção executada em número de 500 exemplares.

### CLINICA GERAL

**J. Pinheiro de Moraes**

Rua 20 n.º 390  
TELEF. 920452

### RASTREIO DE HIPERTENSÃO

Passa a funcionar em Espinho, no Centro de Saúde, um posto de rastreio de hipertensão. Estará aberto todos os dias úteis a partir das 17,30 horas.

## RIFAS DA NASCENTE

12.ª Semana — Extracção de 23/11/78

|     |           |                                    |
|-----|-----------|------------------------------------|
| 063 | 1.000\$00 | Figueiredo Santos                  |
| 163 | 100\$00   | Jorge Nunes                        |
| 263 | 100\$00   | José Augusto Vieira                |
| 363 | 100\$00   | Alberto Augusto Almeida Praça      |
| 463 | 100\$00   | Jorge Manuel Pereira Dias da Silva |
| 563 | 100\$00   | Gaspar José Gonçalves Sousa        |
| 663 | 100\$00   | José Braga                         |
| 763 | 100\$00   | David Ferreira de Castro           |
| 863 | 100\$00   | José Maria Vieira Marques          |
| 963 | 100\$00   | Amâncio Sousa e Silva              |

# MARE VIVA

## SEMANÁRIO

Director :  
ANTÓNIO SANTOS

Redacção :  
RUA 62 N.º 251 - 1.º  
TEL. 921621 — ESPINHO

Propriedade :  
NASCENTE — COOPERATIVA DE ACÇÃO CULTURAL, S. C. R. L.

Fizeram este número :  
António Santos, Augusto Mota, Dário Capela, Eugénio Morais, Estefânia Brandão, Fernando Meneses, Fernando Valadas, João Barrosa, Joaquim Fidalgo, José Cruz e Victor Sousa.

Composição e impressão :  
TIPOGRAFIA MENESES — COOPERATIVA GRAFICA DE ESPINHO, S.C.R.L.  
RUA 14 N.º 903 — TELEF. 921016

## NÓS E O LEITOR

### A ASSISTÊNCIA QUE TEMOS E OS MÉDICOS QUE NOS ASSISTEM

Com pedido de publicação, recebemos a seguinte carta:

Pertencço a um dos muitos casais humildes que proliferam na nossa cidade, onde se encontra facilmente trabalho, para que os nossos filhos tenham acesso a pão em casa: porém a minha esposa adoeceu, simultaneamente surgiu-lhe um esgotamento cerebral, juntando-se um defeito num dos elos da espinha dorsal na zona lombar derivado a esforço que se sujeitava por esfregar certos soalhos limpar o chão e pavimentos de alguns estabelecimentos.

Não se sentindo bem, foi consultar um médico assistente, o sr. Doutor Custódio de Oliveira e Silva, médico dos Serviços Sociais da Caixa de Previdência; este mandou tirar chapas e depois delas informou-a que ficaria inutilizada para sempre; no entanto mandou-a consultar o Dr. Carlos Leitão médico da especialidade. Isto no que diz respeito a ossos, quanto ao estado de pressão psiquiátrica percorreu diversos médicos incluindo o hospital de Magalhães Lemos que trata de doenças desta especialidade.

Ora encontrava-se com baixa, apesar do descanso e medicada não tinha melhoras, o que me levou a recorrer a um psicanalista, que prontamente a começou a tratar. A baixa terminava no dia 14 do corrente mês. Lo-

go no dia 13 a minha esposa dirigiu-se com as suas poucas posses ao posto médico para que lhe fosse marcada consulta ao seu médico assistente. Aqui foi informada que não havia vagas para o dr. Custódio, mas que fosse no dia seguinte para o médico chefe. Na ausência deste foi a minha esposa atendida pela pessoa do sr Dr. Pinto, que depois de se dirigir em termos pouco aconselháveis à doente limitou-se a dar-lhe alta. Ela por sua vez disse, «Sr. Dr. eu não posso, estou cheia de febre e tenho imensas dores de cabeça», este por sua vez retorquiu, «se tem dores de cabeça tome um «MELHORAL» que fica boa e se não for trabalhar perde o emprego».

BOA CONSULTA SR. DOUTOR...! Valeu na emergência o hospital e no dia seguinte veio o médico a casa encontrá-la numa situação preocupante para o marido e os filhos, com a linda marca de 40 graus de febre. Pergunto que faz o Sr. Dr. na caixa se não consulta os doentes, não os ausculta, não vê a tensão. Que faz este médico? Chupa o dinheiro aos beneficários que descontam para a previdência? Engana os doentes? A quem cabe as culpas: (...) a este médico ou aos órgãos superiores? A quem de direito vejam o que se passa nas caixas de previdência, principalmente no posto de Espinho. Ricardo de Jesus de Sousa Pinto

### ACADEMIA DE MÚSICA DE ESPINHO

(CENTRO DO INSTITUTO BRITÂNICO DO PORTO)

Avisam-se os seguintes alunos que completaram no último ano lectivo 1977/78, o «FIRST CERTIFICATE IN ENGLISH» que podem procurar nesta ACADEMIA o respectivo diploma passado pela UNIVERSITY OF CAMBRIDGE.

Américo Dias Ferreira  
Isabel Maria da Costa Antunes Figueiredo  
Glória Maria Mota Capela  
Rogério Manuel Rodrigues Figueiredo  
Maria Eugénia de Oliveira Maia  
Maria Helena Cardoso Matos  
José Manuel Matos Monteiro  
Susana Morris Ferreira Pereira  
Vitor Manuel Pedrosa da Silva  
Maria Leonor Paiva Figueiredo de Sousa

### CRIMINALIDADE EM ESPINHO

Salientando que «os furtos de maior valor continuam a ser praticados nas habitações e no interior de viaturas estacionadas na via pública», e que «foram descobertos autores de diversos furtos na cidade», o Comandante Distrital da PSP, enviou-nos a habitual informação mensal sobre a criminalidade na zona urbana de Espinho. Ali se diz ainda que as horas de patrulhamento e ronda ultrapassaram as 3.500, contando-se também, e entre outras coisas, o levantamento de 39 autuações por actuações anti-económicas.

### Casa, precisa-se

Jovem casal de Professores precisa de casa com o mínimo de 3 quartos.

RENDA ATÉ 7.000\$00  
Resposta a este jornal ao n.º 101.

### Convívio - Festa de Estudantes

FILMES — LEILÃO DE ANTIGUIDADES

Sábado, 2 de Dezembro às 21,30 horas  
No C. T. do P. C. P. — Organização : U. E. C.



### S. PEDRO

Dia 30, Quinta-feira  
PARA A GUERRA NÃO, MEU GENERAL  
M/ 13 anos

Comédia ligeira, de fácil consumo e de rapidíssimo esquecimento é o tema desta fita que por outro lado, também podemos definir como digestiva. Isto poderá considerar-se como revelador de não sermos pessoas de má vontade.

Dia 1, Sexta-feira  
ANNIE HALL  
M/ 13 anos

Poderá dizer-se que a filmografia de Woodie Allen constitui uma das maiores revelações cinematográficas dos anos 70. Após um conjunto de obras que se superam sucessivamente, realiza este filme que, na opinião de muitos, constitui a sua obra-prima. O seu poder de crítica, de observação cuidadosa e inteligente do ambiente de que ele próprio se encontra rodeado, a sua concepção de humor mordaz e fresco, são factores que levam a não regatear toda a admiração que se lhe possa dispensar.

Dia 2, Sábado  
A JUSTICEIRA  
M/ 18 anos

A história mais que batida daquele a quem matam os seus entes queridos e desenvolve a partir daí uma perseguição implacável para a «justiça pelas próprias mãos», agora noutra versão: com a diferença de nesta ser uma mulher a autora de tal vendetta. Tudo poderia estar muito certo, se não fosse o propósito aberrantemente pornográfico de que está recheada. Ou seja, uma desgraça das desgraças.

Dia 3, Domingo  
O OVO DA SERPENTE  
M/ 18 anos

Fora da sua Suécia, Ingmar Bergman realizou na Alemanha Federal, (país onde foi posto o ovo dessa serpente que se chama nazismo) este seu último filme no qual reconstituiu uma situação do dia a dia vivida nos primeiros anos da ascensão de Hitler. Com ela, denuncia e reprovava o fascismo que considera ser perigo ainda não totalmente afastado. Quanto à obra deverá referir-se que, para os seus admiradores ferrenhos, tem um certo sabor a decepção. Mas a não perder em caso algum.

Dia 5, Terça-feira  
JUSTINE DE SADE  
M/ 18 anos

Muito gostaríamos de sujeitar os fazedores desta fita às sevícias daquilo que muita gente, erradamente, designa de sadismo. Olhem que o caso não é para menos. Esta fita é tão má, tão má, que certamente, como método de tortura, até provocaria comiseração às terríveis personagens criadas pelo notável escritor.

# Congresso dos Sindicatos dos Metalúrgicos

A 8, 9 E 10 NO SEIXAL

Como temos vindo noticiando, realiza-se no Seixal, nos dias 8, 9 e 10, o Congresso dos Sindicatos da Metalurgia e Metalomecânica e que tem movimentado um grande número de trabalhadores metalúrgicos na sua preparação.

Este Congresso visa cumprir a deliberação do Congresso de Todos os Sindicatos que recomendou a realização de congressos por sectores de actividade e tem dois objectivos fundamentais: o reforço da unidade, com vista a um combate mais eficaz às contínuas manobras de divisionismo do movimento sindical e o reforço da organização que visa a criação de condições estruturais e orgânicas para a defesa eficiente dos interesses dos trabalhadores metalúrgicos, nomeadamente a contratação colectiva e contra os despedimentos.

O processo que culminará no Seixal iniciou-se com a eleição duma Comissão Promotora do Congresso, eleita em plenário de todos os Sindicatos Metalúrgicos, criando-se simultaneamente comissões dinamizadoras junto de cada sindicato. A C.P.C. elaborou projectos de textos a submeter ao Congresso submetendo previamente aos



Sindicatos o Regulamento do Congresso para discussão.

Os projectos dos Estatutos da Federação e do Programa de Acção foram objecto de discussão ampla e democrática durante um mês e as propostas de alteração, complicadas pela C.P.C., darão lugar aos textos finais a apresentar no Congresso.

## NO DISTRITO

No Sindicato dos Metalúrgicos de Aveiro foi constituída a Comissão Dinamizadora, com 24 delegados sindicais e um coordenador da direcção. Foram distribuídos cerca de 18.000 projectos e realizados meia centena de plenários de empresa e de zona, que discutiram os projectos e elegeram os delegados do distrito de Aveiro ao Congresso. Os 68 delegados eleitos (corpos gerentes do Sindicato, delegados sindicais e simples

filiados) foram ratificados em Assembleia Geral expressamente convocada para o efeito.

Em Espinho realizaram-se plenários na Corfi, Progresso, Armando Teixeira da Silva e Vigorosa. Esta última e a A. T. Silva, na qualidade das maiores empresas metalúrgicas do concelho, levam dois delegados ao Congresso.

## AMARELOS «MEXEM-SE» NA HOTELARIA

«Tenho conhecimento que nas mais importantes unidades hoteleiras de Espinho tem havido movimentações semi-clandestinas do chamado «Sindicato Democrático da Hotelaria, Alimentação e Turismo», que é nem mais nem menos do que um sindicato paralelo, apoiado pelo patronato e que deseja a divisão da classe», declarou-nos o delegado sindical Fernando Ferreira.

«Têm aparecido, sem se saber como, algumas fichas de inscrição no referido «sindicato», acompanhadas de promessas de viagens pagas a Lisboa, de autocarro, comboio ou avião. Estas viagens destinam-se a aliciar os trabalhadores a participarem num congresso fantoche, que coincidirá com o Congresso dos Sindicatos da Indústria Hoteleira, a realizar em Lisboa na mesma altura. É clara a intenção de provocar a confusão entre os trabalhadores».

O delegado sindical referiu

ainda que estas manobras aparecem numa altura em que os trabalhadores hoteleiros alcançaram uma grande vitória, com a assinatura de um Contrato Colectivo de Trabalho por parte das associações patronais e graças ao trabalho das estruturas sindicais que realmente defendem os interesses dos trabalhadores.

«Acho que é importante alertar os trabalhadores hoteleiros para estas manobras, feitas na sombra e dirigidas individualmente a trabalhadores, para que estes não possam discutir colectivamente os objectivos deste sindicato amarelo. Eles contam com o apoio de muitas entidades patronais que se preparam para não cumprirem o C. C. T. É preciso por isso que os trabalhadores estejam unidos nos seus postos de trabalho, e se preparem para responderem firmemente a estas ou outras manobras do patronato e seus lacaios».

## INFANTÁRIO

### — DO PAPEL À REALIDADE

-se, este mostrou-se às vezes relutante em responder) que ocupou todo o ano de 1975. Uma tal «Comissão de Equipamentos Colectivos», do âmbito da Secretaria de Estado dos Assuntos Sociais, passou a estar responsável pela obra.

Ao iniciar-se o ano de 1976 o executivo da Câmara foi informado de que a CEC iria proceder, ainda durante o mês de Janeiro desse ano, ao concurso para a adjudicação da obra. Mas as coisas não ficaram por aí: após a vinda à nossa cidade de um funcionário do IOS, este Instituto comunicou à Câmara que, entre outras coisas, não havia dinheiro, nem para a construção do infantário, nem para as futuras despesas de manutenção. Entretanto a Câmara conseguiu assegurar a verba de dez mil contos — um argumento de peso de entre os muitos apresentados pelo executivo e o IOS deu seguimento ao processo. Sendo o concurso para a obra definitivamente aberto em 21 de Maio. Finalmente em Dezembro de 1976 começava a execução das obras de construção do infantário, que agora terminaram.

E foi assim que vencendo burocracias de seis anos o infantário de Espinho passou do papel à realidade.

### O PRESENTE E O FUTURO

Como dissemos no início, o infantário encontra-se pratica-

continuação da página 1

mente concluído. Contudo não será possível colocá-lo a funcionar de imediato; prevendo-se só talvez para Março ou Abril do ano que vem a sua abertura. Isto deve-se ao facto de só agora ser possível encomendar o mobiliário interior e o equipamento que leva o seu tempo a ser fabricado.

Prevê-se ainda que, na primeira fase do seu funcionamento o infantário venha a comportar cerca de 150 crianças e que também este número seja atingido gradualmente; segundo nos informaram, será de 80 o número de crianças a admitir na sua abertura. O regime de admissão obedecerá aos critérios que o IOS tem estabelecido a nível nacional para todos os seus infantários: entrar-se-á em conta com a situação social da criança, com o facto de os seus pais trabalharem ou não, etc. A admissão do pessoal far-se-á na altura devida, através do Fundo de Desemprego, que, segundo nos disseram, já aceita inscrições.

A conclusão do infantário não vai resolver todos os problemas. Num concelho como o nosso, o que no distrito de Aveiro regista a percentagem mais alta de mortalidade infantil, há ainda muito que fazer, muitas questões de fundo a ultrapassar. Na nossa opinião, é como um importante passo em frente que deve ser encarado o novo infantário de Espinho.

## BAIRRO PISCATÓRIO

continuação da página 1

O trabalho de recolha de elementos prolongou-se por cerca de oito meses, a que se juntaram mais uns quatro de sistematização dos dados obtidos. Algumas das conclusões mais significativas já as deixamos atrás, mas há ainda que acrescentar, como pano de fundo de toda a difícil situação por que continuam a passar as crianças do bairro, as injustas condições gerais de higiene, habitação e desenvolvimento social e cultural que deixam marcas para toda a vida. A propósito, ser-nos-ia dito que «se trata de uma comunidade a viver segundo padrões de vida que podemos considerar próximos dos do Terceiro Mundo». E, na opinião dos nossos entrevistados, «esta é uma situação com possibilidades de se rapidamente melhorada, se se juntarem esforços de quem tem responsabilidades. Tanto mais que se trata, em parte, de uma questão de ignorância, da continuação de certos hábitos de vida por falta de cultura e informação, mesmo quando isso aparece disfarçado com um certo ar de progresso, como é o caso de as mães preferirem amamentar os bebés a biberão, convencidas de que isso é melhor do que o seu próprio leite, pois é isso que a publicidade as pretende fazer crer e é isso que fazem as mães de classe sociais que elas procuram imitar».

Tínhamos já a informação de que um dos aspectos que tinham alertado para a necessidade de um estudo deste género no bairro eram as constantes queixas das professoras

quanto ao rendimento escolar dos seus alunos na escola da zona. Isso mesmo nos foi confirmado pelo Dr. Norberto Santos, que com grande clareza pôs em evidência as consequências que têm no desenvolvimento mental das crianças as deficiências alimentares que se registam até aos cinco anos:

— Podemos dizer até essa idade estão jogados os dados principais, estão criadas as condições para um equilibrado desenvolvimento mental ou, por outro lado, impostas as marcas de uma situação de subdesenvolvimento que acompanhará a criança pela vida fora. E estas marcas far-se-ão sentir de maneiras várias: diminuindo significativamente o desenvolvimento da inteligência, reduzindo muito a possibilidade de aprendizagem técnica de qualquer profissão, levando, pela própria marginalização a que as crianças vão sendo votadas, a que apareçam grandes dificuldades de inserção social e ao aparecimento de formas de delinquência e pre-criminalidade.

A situação é, de há muito conhecida. Já antes do 25 de Abril o Bairro Piscatório era uma acusação atravessada na consciência das pessoas. Anos passaram, palavras novas, promessas velhas, e o Bairro lá continua, cada vez mais degradado, cada vez mais insustentável nas suas condições de vida, e nem se sabe a quem atribuir responsabilidades. Ninguém quer aceitar a «castanha quente» daquele bairro, ninguém «reivindica» a herança de Tenreiro e suas acções que manti-

veram um sector da população, os pescadores, em situações de vida ainda por resolver. Ao que fomos informados, não houve durante a realização do inquérito que temos vindo a apresentar qualquer contacto com o poder local, mas é de esperar que os dados recolhidos não sejam ignorados e passem para o dossier, ainda em aberto, das medidas a tomar perante o Bairro.

Aliás, põe-se mesmo a questão geral de quais os resultados concretos para a população do Bairro desta iniciativa da equipa de médicos. Será que tudo se vai limitar à publicação, em revista da especialidade, de um estudo muito bem elaborado sobre uma realidade que esse mesmo estudo não contribuirá em nada para modificar? A esta pergunta responde o Dr. Norberto Santos, adiantando que «desde já alguma coisa se terá modificado na experiência do pessoal médico no que se refere ao trabalho no Bairro. É de esperar que este nosso trabalho venha reforçar a necessidade de se fazer uma medicina de intervenção, que vá até ao doente, não se limitando a esperar que o doente venha à consulta. Mas mais do que isso, é imprescindível uma acção educativa sobre a população, no sentido de desenvolver nela novos hábitos culturais que melhor a defendam. E, mais uma vez, se veio revelar claramente que enquanto as condições reais de vida e habitação forem o que são, dificilmente as causas profundas poderão ser elimina-

das. Bastará considerarmos as condições sanitárias, a rede de esgotos deficiente, as areias que funcionam como passeios, para termos clara consciência do muito que há a fazer por aquelas crianças, por aquela população».

Do muito que há a fazer alguma coisa já ficou feito por esta equipa. Uma equipa composta por médicos do Porto, de que faziam parte, além do Dr. Norberto Santos, ainda os Drs. Aires Pinho e Calheiros Lobo, os policlínicos Drs. António Costa e Silva e Lino Moreira Ramos, e as enfermeiras Romão Duarte e Glória. O Centro de

Saúde de Espinho prestou todo o apoio na pessoa do Dr. Miranda Valente e do agente sanitário Luís Aleixo. De salientar que à boa adesão dada pela população não foi estranha a meritória e esforçada intervenção de dois habitantes da zona, Pedro e Maurício. Todo um trabalho que não pode ficar encerrado nas páginas limitadas de uma comunicação científica ou na entrevista breve a um jornal. Um trabalho de que o Bairro espera coisas. Sob pena de ter sido mais uma ocasião perdida de intervir eficazmente junto de uma população ainda à espera.

Foi a minha primeira vinda a Portugal e estou muito satisfeito por ter assistido a um Festival que considero muito bem organizado e que foi um êxito. Esse êxito também ficou a dever-se à boa participação dos realizadores que mandaram para o festival as suas melhores obras e que o Júri soube avaliar da melhor maneira. Gostaria ainda de salientar a diversidade de filmes apresentados, que não se limitou a filmes divertidos ou satíricos, mas abrangeu filmes que poderíamos considerar de conteúdo bastante sério. A tudo isto há que acrescentar ainda que o festival foi um excelente ocasião para estabelecer contactos com realizadores portugueses e outros.

Rein Raamat  
(representante da Soiuzmultifilm da URSS)

## ALVES COSTA FALOU

Alves Costa falou-nos do CINANIMA. E disse, como é habitual, coisas muito importantes:

«É curioso notar que o Festival (um êxito seguro, pelo que vi e pelo que ouvi) está a ganhar uma grande repercussão internacional que não tem seguimento a nível nacional, infelizmente. É feito na provincia, essa espécie de «filho ilegítimo» de Lisboa, e por isso não lhes prestam a atenção que merece. Tomemos o exemplo do «atelier», essa ótima iniciativa que prova mais uma vez a vontade que a organização tem de fazer todo um trabalho de divulgação, para além de mostrar filmes. Pois considero que era importante se-

rem fornecidos os meios necessários para a continuação da experiência ao longo de todo o ano. Mas deveria ser aqui, em Espinho, de onde partiu a ideia. Não em Lisboa, e não uma organização oficial, burocratizada, espartilhada. A NASCENTE poderia continuar este trabalho, de tão grande importância para os jovens, para as crianças para os professores que por vezes querem fazer coisas com os seus alunos mas não sabem.

E isto pode fazer-se sem meios sofisticados. Tudo simples, mas com um mínimo de apoio. Senão as coisas morrem, ou pelo menos não se desenvolvem como seria de desejar e como

se vê que é possível. Que pena se não se aproveita esta oportunidade! Poderia ir nascendo um importante centro de formação que, por sua vez, lançaria novos formadores para levarem os conhecimentos adquiridos a outras zonas, a outras pessoas. Este «atelier» pequenino, que não deu muito nas vistas, é extremamente importante pelas potencialidades que revelou para futuro.

Poderá julgar-se que estou algo influenciado pelo partido que tomo a favor das pessoas da NASCENTE, cujo trabalho há muito aprecio. Mas a verdade é que tento ser objectivo: aqui parte-se sempre do zero e as coisas fazem-se, tão bem como temos visto. Ora isso é que é produtivo. Dai o merecer atenção e apoio.

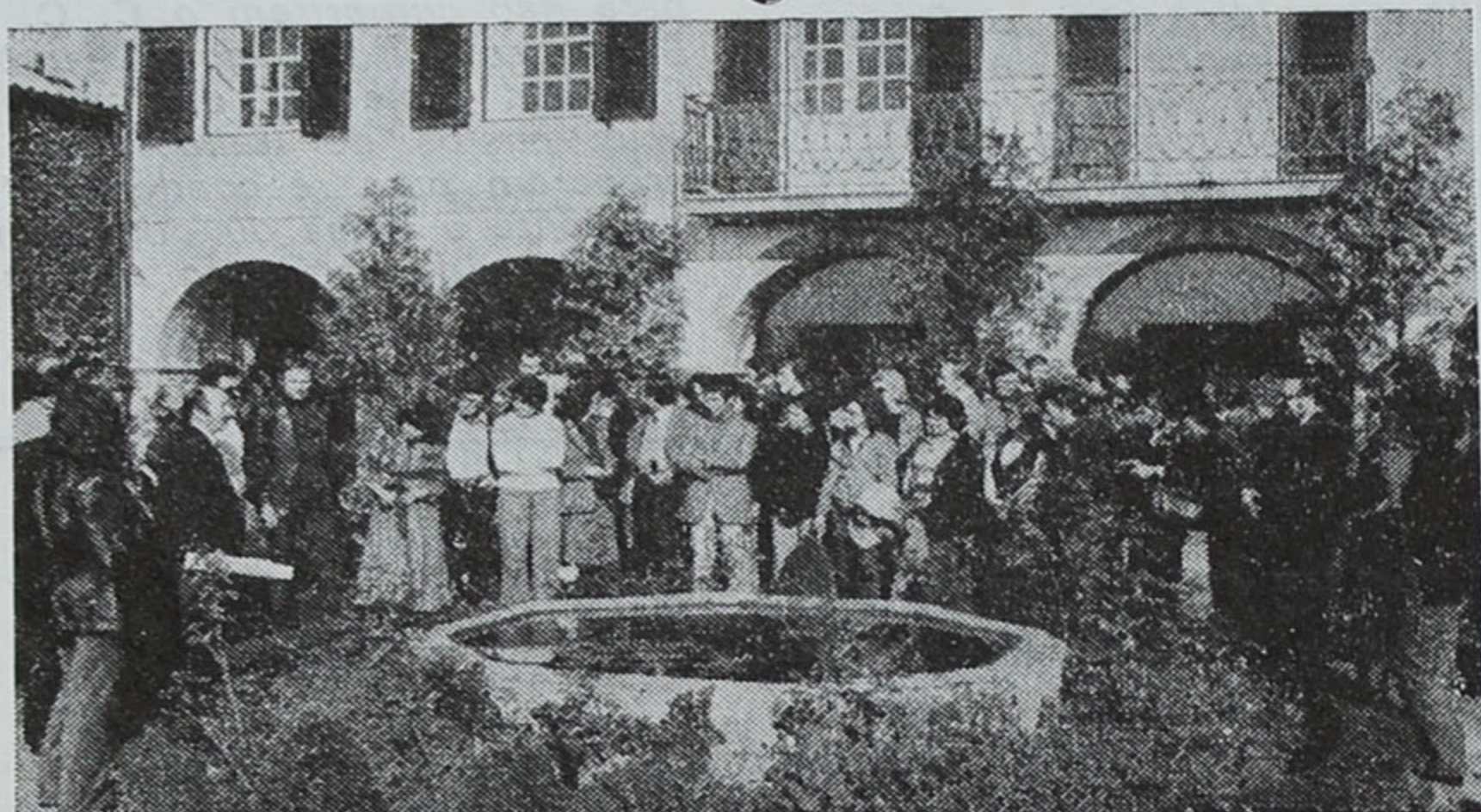


«A LUTA» — FILME PREMIADO

As minhas felicitações, antes de mais. Se encontrei o mesmo entusiasmo e o mesmo interesse do ano passado, encontrei também um Festival mais desenvolvido e a funcionar ainda melhor. É um ótimo sinal para o futuro, pois dá-nos uma certa garantia de que as coisas continuarão a progredir. Mesmo o nível dos filmes a concurso foi mais elevado, embora não havendo um ou outro que de imediato se destacasse, como em 77.

O «atelier» funcionou muito bem. Os resultados palpáveis são francamente encorajadores. Claro que se poderia ter desenvolvido mais, sobretudo dando as crianças a trabalhar directamente. Mas isso não era possível; seria gente de mais e tempo de menos. Para um trabalho com as crianças, há que dispor, no mínimo, de uns oito ou quinze dias. Mas é possível fazer-se, mesmo que elas não saibam absolutamente nada de Cinema de Animação. Os que vieram este ano já sabiam qualquer coisa; tinham experiência de desenho. Apesar disso, julgo que lhes terá sido útil. É uma experiência em que vale a pena continuar a apostar!

Gaston Roch  
(Professor belga)



CINANIMA FOI TAMBÉM CONVÍVIO ENTRE GENTE DE MUITOS PAÍSES

A qualidade dos filmes foi bastante boa e teve grande homogeneidade, o que nos causou algumas dificuldades na escolha. O mais fácil acabou por ser o da categoria dos filmes com mais de 25 minutos, pois apenas havia o do Irão, que até tinha valor para recolher um prémio. Também as retrospectivas foram boas, especialmente a húngara que tinha uma qualidade excepcional.

Acho que aqui se prestou um bom serviço ao cinema de animação, afirmando-o como uma arte autónoma dentro do cinema e não simplesmente um entretenimento para crianças ou um complemento dos filmes de grande metragem do cinema de

captação.

Quanto à organização, acho que fez o melhor que é possível fazer-se em Portugal, atendendo à forma como a cultura ainda aqui é encarada. Julgo bastante importante o facto de o Cinanima se fazer na provincia e sobretudo pela próprias pessoas da provincia. Como se faz em Santarém e não como na Figueira em que são as pessoas de Lisboa que lá vão fazer o festival. Deve por isso defender-se a continuação deste festival aqui mesmo, em Espinho. E dar-lhe, claro, melhores condições e mais apoio.

Fernando Lavrador  
(Presidente do Júri)

## «UM FESTIVAL DIFERENTE»

Penso que o aspecto mais interessante do festival consistiu no trabalho feito no atelier, na tentativa de iniciação na prática do cinema de animação. Isto porque me parece errado desenvolver demasiado o aspecto competitivo, porque isso é o que se verifica já nos outros festivais e aqui em Espinho creio que seria mais interessante pensar de facto em fazer um festival diferente do habitual. Mas também é verdade que só à medida que o festival for sendo cada vez mais conhecido é que muitos realizadores passarão a enviar os seus filmes, como é o caso, por exemplo, do cinema independente americano que este ano não esteve presente. Penso que tratando-se de um festival original, com características próprias, seria extremamente útil que se prosseguisse nesta linha de trazer filmes e simultaneamente pessoas cuja experiência pudesse ser transmitida aos interessados através do atelier.

Paul Doppf  
(realizador e produtor francês)

Devo salientar o excelente acolhimento que nos foi dado pela organização bem como a boa participação no festival por parte da população mais jovem da cidade, desta pequena cidade onde o festival foi durante alguns dias uma imagem tão viva como o comboio que divide a cidade a meio.

Quanto aos próximos festivais, eu sugeriria que as retrospectivas de cinema animado fossem apresentadas com maior cuidado. Seria ótimo que cada retrospectiva fosse devidamente introduzida por pessoa que se deslocasse ao festival para essa pessoa permanecer em Portugal mais algum tempo de forma a que a retrospectiva pudesse ser exibida noutras cidades do país.

W. R. Shields  
(Presidente da FICC)

«Há muitas coisas para além do Festival; a organização não se quer ficar apenas pela projecção de filmes. Agradou-me, sobretudo, o esforço que fazem para promover o contacto e o convívio entre as pessoas, sem rigidez e de modo perfeitamente informal, para mostrar um pouco do vosso país para além dos aspectos tradicionalmente reservados a turistas e fora dos hotéis de 5 estrelas. É pena virmos só na altura do Festival, quando há pouco tempo. Tem interesse conhecer as pessoas que aqui trabalham, que organizam, conhecer o seu esforço e as suas dificuldades. Aqui, em Espinho, as relações humanas são uma coisa muito mais rica do que ficarmos sentados, lado a lado, a ver filmes...»

Anne Brucy  
(Monitora de C. A.)

# CINANIMA - ECOS

Como presidente da Federação Espanhola de Cineclubes considero muito importante que numa pequena cidade como Espinho haja um grupo que faça um esforço tão grande como é a organização deste festival. Pelo que vi creio que o festival tem um grande interesse. Porém, quer-me parecer que a cooperativa cultural que o organiza não tem o apoio oficial que deveria ser dado a um esforço deste tipo, tanto mais que o Festival tem o aspecto muito interessante de procurar ser popular e justificar o interesse da população.

Por outro lado, eu estou aqui

para chegar a uma base de trabalho conjunto com a Federação Portuguesa de Cineclubes que nos permita iniciar um intercâmbio cultural de filmes. Isso permitirá unir os esforços das duas Federações contra os inimigos que são comuns, as distribuidoras, os exibidores, enfim todos os canais capitalistas de produção e distribuição do cinema tal como estão montados. Esperamos chegar a acordos concretos que nos permitam prosseguir neste objectivo.

Jesus Caño Guia  
(Presidente da Federação Espanhola de Cineclubes)

O CINANIMA é um festival muito interessante por várias razões. Primeiro, porque a sua dimensão ainda relativamente modesta permite os contactos entre os participantes, espectadores, realizadores e jornalistas. Por outro lado, o aspecto de estudo que lhe foi dado pelo atelier veio enriquecer muito o festival, e permitiu a alguns en-

tusiastas fazer as primeiras experiências na animação. Por tudo isto, Espinho foi uma oportunidade para se fazer o ponto sobre o que se passa hoje no mundo do cinema animado, não faltando algumas interessantes descobertas que foi possível fazer-se no decorrer do festival.

Jean-Pierre Brossard  
(Secretário-geral da FICC)

## O QUE SE DIZ

Gostei e não deixo de admirar este fantástico trabalho de uma Cooperativa Cultural que, no meio de tantas dificuldades é capaz de realizar um festival, tão grande, com tanta projecção internacional.

Gabriela Marques  
(trabalhadora da F. Pública)

Penso que o festival conseguiu superar o do ano passado. Gostei bastante dos filmes, e acho que, de um modo geral os prémios foram bem atribuídos, não querendo dizer com isso que esteja totalmente de acordo com o júri. Quanto organização

pareceu-me francamente boa, excepcional mesmo, atendendo às dificuldades que com certeza existiram em grande número.

Paulo Pais  
(Estudante)

Gostei do festival. Mas achei que os filmes portugueses aqui presentes denunciaram pouca criatividade.

Luís Neves  
(Estudante)

Não assisti a todas as sessões mas, por aquilo que vi, achei maravilhoso e a confirmá-lo temos o grande

número de pessoas aqui presente. Portanto, parabéns à Nacente e ao Cinanima.

Alfredo Santos  
(Estudante-trabalhador)

Esta foi a primeira sessão que assisti e por isso não posso dizer muito sobre o festival. Penso porém que ele contribuiu para desfazer aquela imagem de que o cinema de animação se destina exclusivamente às crianças ou a fazer rir.

José Oliveira  
(trabalhador na Auto-Estrada)

## «O Festival é deles!»

Alguém me dizia: «O Festival é deles!» E na verdade era essa a impressão com que ficávamos ao passar à tarde pelo salão da Piscina.

A maior festa, eram as crianças que a faziam. Festa mesmo. E não é de estranhar: com tão pouco que por elas se faz ao longo do ano, com o tão pouco que se lhes dá, ir ao cinema, e Cinema de Animação constitui acontecimento. Sem dúvida memorável e que não esquecerão ao longo do ano.

Elas cantavam, gritavam, aplaudiam e apupavam, corriam, riam, gostavam. São uns espectadores muito mais interessantes do que nós, os adultos. Sentia-se-lhes o espírito livre e feliz, a alegria de serem os donos e senhores da sessão.

Falámos informalmente com algumas. Se gostavam? Claro que gostávamos! Bonito? Ai não, se não era bonito... Mais vezes? Quem dera!... E do que gostavam mais era de tudo. Mas a altura não era muito de palavras.

É isto que não se deve esquecer, agora ao fazer as contas, ao pôr numa coluna o deve e noutra o haver do Festival. Ou seja, se vale ou não vale a pena, se se justifica ou não o dinheiro e o trabalho que com eles se gasta, se é a melhor actividade para as gentes de Espinho. O debate é certamente necessário e convirá fazê-lo. Mas não deverá ser esquecido este peso que muitos não viram ou não souberam e que tem influência no prato da balança. É o peso de quase 2.000 crianças que tiveram uma festa, que viram bom Cinema de Animação, que tiveram quem se lembrasse delas e por elas procurasse fazer alguma coisa. E, para além de ver os filmes, há todo um aproveitamento posterior que se poderá fazer, no âmbito das escolas, se os professores quiserem e souberem.

O CINANIMA não foi das crianças, na sua totalidade. Mas foi-o delas em grande parte, disso não há dúvida.

### «MAS AS PESSOAS FORAM A MAIOR SURPRESA»

Considero o festival muito bom se vimos que é apenas o segundo que se realizou e creio é uma ótima ideia organizá-lo aqui, nesta cidade tão acolhedora, onde todos se podem encontrar sem dificuldades. Pá mim foi também uma surpresa

deparar com filmes tão bons, mas as pessoas foram a maior surpresa, com toda a sua amabilidade, talvez precisamente porque fazem o seu trabalho voluntariamente e o prazer que põem nele transmite-se aos outros. Gostaria também de apontar que nem sempre as informações de última hora eram dadas com a rapidez necessária, o que dificultava um pouco o acompanhamento do festival. Um outro aspecto negativo foi o facto de haver muitos filmes inscritos em duas secções e menos nas restantes, mas isso irá desaparecendo à medida que o festival for sendo mais conhecido. Mas esperemos que isso aconteça sem se perder a atmosfera tão agradável deste festival.

Joy Batchelor  
(realizadora inglesa)

### Moreira da Costa

CIRURGIA GERAL  
E VASCULAR

Rua 20 n.º 520 - 1.º  
Telef. 921014  
ESPINHO



Se o Cinanima 78 deu passos importante em relação à edição de 77, um dos mais significativos foi a instalação de um «atelier» de cinema de animação, que funcionou na Piscina durante os dias do Festival.

Rui Brás, professor da Escola de Belas Artes do Porto e responsável pelo «atelier» junto da organização, fez o balanço desta nova experiência:

«A ideia inicial era de que este «atelier» fosse posto à disposição das escolas da região, de alunos e professores de educação visual. No entanto, este projecto foi considerado impossível pelo professor Gaston Roch, que considerou o tempo de funcionamento e as instalações demasiado reduzidas.

Optou-se por isso pela realização de um trabalho com alunos das Belas Artes e da Cooperativa Cinematógrafo, com o objectivo de tomarem contacto com as técnicas do cinema de animação, para que a partir daqui possam eles mesmos transmitir os conhecimentos que aqui adquiriram.

Contámos com a preciosa colaboração do professor Gaston Roch e com o material que trouxeram o Gérard, a Ann e a Elizabeth de Avignon, estudantes franceses que colaboraram na orientação do «atelier».

Nunca houve a ideia de produzir filmes, mas sim de se tomar contacto com diversas técnicas: desenho a preto e

branco, recorte, pixilação e movimentos com poeiras e pigmentos.

As pessoas mostraram grande entusiasmo pelo trabalho, chegaram a perder sessões do festival para acabarem os seus trabalhos. E muita gente, que por aqui ia passando, acabou por ficar a fazer as suas experiências. Confirmou-se o interesse do «atelier», excederam-se mesmo as expectativas quanto ao seu êxito.

Gaston Roch, professor na Bélgica e ex-secretário-geral da BILIFA, explicou: Devo dizer que o material que veio de Avignon não é sofisticado e perfeitamente possível de realizar aqui em Portugal sem grandes despesas. Houve de facto bastante interesse dos participantes e julgo que esse interesse justifica que aqui se procure continuar o «atelier» para além dos festivais. E, se possível, que se leve para as escolas o que aqui se aprendeu. Essa experiência fez-se já na Bélgica, com pequenos cursos para professores de Educação Visual, e teve muito êxito.

Neste quatro dias, a minha principal preocupação foi promover a discussões colectivas dos trabalhos que iam sendo feitos, e que considero essencial para uma boa aprendizagem.

Michel Gérard, da «Colodion Humide» de Avignon falou também do trabalho realizado: «O

## «ATELIER»

### O QUE PODE SER UMA ESCOLA DE CINEMA DE ANIMAÇÃO

material que trouxemos é concebido para a iniciação nas técnicas do cinema de animação. É fácil de realizar e serve perfeitamente para a realização de trabalhos simples.

Os resultados obtidos foram bons, mas ao nível dos acetatos, pois nunca houve a intenção de produzir aqui filmes de animação acabados.

No encerramento do «atelier», realizou-se uma reunião de debate com os participantes nos trabalhos e a presença de críticos de cinema de animação e outras pessoas interessadas. Registou-se unanimemente a opinião de que o «atelier» não deve acabar com o Festival e que poderá ter um papel importante na formação de professores de Educação Visual das Escolas neste campo de expressão e comunicação.

Neste debate, deve salientar-se a vigorosa intervenção do crítico e cineclubista Alves Costa, que defendeu a criação, a partir do «atelier», de uma escola de cinema de animação em Espinho, com o apoio do Ministério da Educação e Cultura. «Foi em Espinho», disse, «que



a ideia nasceu e é aqui que deve vir quem queira aprender. E não há nada que justifique que a Escola venha agora a aparecer em Lisboa ou em qualquer outro lado. É desejável que apareçam depois outras por todo o país, mas a primeira deve ser aqui mesmo, sob a responsabilidade da Nascentex.

As sessões do Cinanima que se realizaram no sábado, na Piscina, foram todas complementadas pela exibição dos pequenos trabalhos realizados no «atelier». Embora apresentados em negativo, demonstram que é possível fazerem-se, em pouco tempo, coisas com interesse, desde que haja imaginação e técnica bastantes.

## A RITA TAMBÉM FOI AO CINANIMA

A Cooperativa de ensino DIDAXIS de Riba d'Ave esteve presente numa das sessões infantis do «Cinanima» com 63 crianças.

Mas... no atelier do «Cinanima» algo de interessante aconteceu.

A Rita de 12 anos, 1.º ano do Ciclo Preparatório, veio com os seus colegas

«ver» o cinema de animação. E dizemos «ver» porque a Rita é cega e não pôde assistir aos filmes. Mas esteve no atelier.

Manuel Durão, um dos elementos nesse momento no atelier, esteve através de um boneco articulado, a mostrar à Rita como se fazia um filme, como se mexiam os bo-

necos. E a Rita apalpava para reconhecer as formas e depois tentava movimentar o boneco.

— Olha, se quisesse saltar como é que fazias? Levantavas uma perna e deixavas a outra no chão, não era?

— Era.

E a Rita tacteando, levantava a perna do boneco e punha-o a saltar. E os braços do boneco ajudavam no salto.

— Agora tens aqui os dois braços. És capaz de dizer a diferença que há entre eles?

A Rita tacteia:

— Um está assim (e indica a posição com o seu próprio braço) e o outro está mais esticado.

E as experiências com o boneco sucederam-se numa tentativa de lhe explicar o movimento no cinema de animação.

No fim falámos com a Rita:

— Eu não queria vir aqui. Não valia a pena. Eu não posso ver os filmes como os meus colegas. Mas o meu professor disse para vir pois se calhar havia outras coisas. E eu vim.

— Olha, tu estiveste a trabalhar com um boneco. Gostaste?

— Gostei. Vi como se faz

o movimento no cinema e gostei muito.

— Achas que serás capaz de desenhar um boneco depois de o apalmares?

— Sim.

E a Rita apalpava de novo um boneco e tenta desenhá-lo. Mas não consegue...

Diz-nos o professor:

— Para ela o desenhar não tem sentido. Não lhe diz nada. Nas aulas de Educação Visual tem imensas dificuldades. Apenas consegue, pelo tacto, reconhecer um círculo, um quadrado, figuras geométricas...

Com as perspectivas actuais da disciplina é impossível à Rita integrar-se nela. Na aula ou lhe damos atenção exclusiva, prejudicando o resto da classe, ou a marginalizamos, que é o que acaba um pouco por acontecer. Está um pouco entregue a si própria.

Temos grandes dificuldades e talvez por isso só agora tivesse vindo para o ciclo preparatório. Mas ela devia estar numa escola especializada e não no meio de uma turma de crianças normais.

Mas a Rita gostou. E gostaria certamente de poder continuar o trabalho de hoje. No entanto, depois da sessão teve que regressar à escola e às suas dificuldades.



IMAGEM  
DE UM DOS  
VARIOS  
FILMES  
REALIZADOS  
NO  
«ATELIER»,  
DURANTE O  
CINANIMA 78

O vosso Festival é diferente dos outros que conheço — Anecy, Zagreb, etc. — onde prevalece o sentido comercial. Aqui há uma informalidade e uma preocupação de divulgar o cinema de animação que deve ser conservada.

Apreeiei o esforço da organização, e acho que merecia mais apoio do vosso Governo. Apesar disso não houve defi-

ciências importantes, a não ser o facto dos filmes em 16 mm não terem sido projectados em igualdade de condições com os de 35 mm, o que poderá levar a pensar que têm menos valor. Isto não invalida que o vosso cineclubesteja a fazer um trabalho que poucos cineclubes fazem em todo o mundo.

Pierre Vlerick  
(belga, membro do Júri)

### CAFÉ E RESTAURANTE COPÉLIA

Almoços e Jantares  
Serviço à lista  
Especializado em  
Casamentos e Baptizados  
Grande Variedade de  
Petiscos  
Rua 23 n.º 808 - Tel. 923152  
ESPINHO



## VIDELA — um ingrato para as «testemunhas»

Acidentalmente, cheguei às mãos uma publicação com o título «Desperta!» e, em subtítulo, «Argentina, paladina da liberdade ou da intolerância?». Pensei cá comigo — deve ser mais um documento a denunciar as atrocidades do assassino Videla e seus amigos.

Abri a revista, e logo na primeira página um título sugestivo, a aguçar a minha curiosidade: «Testemunhas de Jeová são banidas na Argentina». — Devem ser opositores do regime e por isso são proibidos de exercer culto, pensei eu. Mas depois de uma leitura atenta do artigo verifiquei que as minhas previsões tinham saído completamente erradas. De facto, as Testemunhas de Jeová queixavam-se das inúmeras perseguições de que têm sido alvo: prisões, proibição de exercer cargos na função pública, etc. Mas ao interrogarem-se sobre o porquê destas atitudes das autoridades, não encontraram melhor para provar a sua inocência do que a afirmação de que não

praticam «actos subversivos contra a segurança do Estado». E afirmam, com ar de quem não vê razões para qualquer perseguição: «Que evidência obteve a polícia ao dar batidas nas casas ou ao fechar a sociedade e os locais de reunião das Testemunhas por toda a Argentina? Não se encontrou uma arma sequer, nem uma peça de publicações clandestinas. Entre as 33.000 Testemunhas de Jeová na Argentina ainda está para se achar um subversivo sequer».

Depois esta leitura concluímos que as T. de Jeová consideram «subversivos» todos os que pela via armada ou pacífica lutam contra o regime assassino de Videla e, por certo, outros regimes terroristas, aceitando até implicitamente as acções policiais de repressão sobre todos quantos ousam defender as liberdades de expressão que poderão vir garantir, por exemplo, a possibilidade de culto aos adeptos desse grupo religioso. Uma posição de neutralidade (?) hipócrita, da parte de quem anda a apregoar o amor e a paz (só se for a paz dos cemitérios).

Convém, aliás, lembrar às Testemunhas que não são só os ateus marxistas que praticam esse acto «subversivo» que é lutar contra a fome e a opressão. Muitos cristãos têm dado o seu contributo (muitos a vida) na luta pela paz e o socialismo: lembrem-nos do Padre Max, morto à bomba pelos fascistas deste país, que não gostavam da forma como ele entendia o Evangelho, do Padre Mário da Lixa, do Padre Camilo Torres que lutou até à morte pela libertação da Colômbia, e de tantos outros cujo nome não vem na história mas consta da luta de emancipação dos povos do mundo inteiro. Ao tomarem tais posições, as Testemunhas de Jeová não só não conseguem fazer prevalecer o seu pleno direito à liberdade de culto, como se isolam ainda mais das camadas sociais que poderiam ser seus aliados na luta por aquele direito.

Quanto à posição de Videla, não é mais do que a acção de um ditador paranoico que persegue até os seus potenciais amigos, só porque estes se recusam a cumprir o serviço militar e a cantar o hino nacional, por motivos do seu culto.

# ETC. e TAL

## Vaticano & C.ª, S. A. R. L.

«Uma das principais tarefas do novo Papa será idêntica à de qualquer administrador de uma grande empresa: reduzir os gastos e investir o capital com segurança (...).»

1. As finanças do Vaticano, segundo parece, têm muito mais a ver com capitalismo do que com questões espirituais. Têm a ver com acções em bancos e em imobiliários, com jogos de bolsa, com investimentos em empresas lucrativas. Actividade demasiado secular para a Igreja, como alguns afirmam. E lamentam...

Numa revista internacional de teologia, a «Concilium», escrevia há tempos Giovanni Cereti: «Financeiramente, o Vaticano depende do sistema capitalista». E acrescentava que a Igreja «depende dos lucros das multinacionais, muitas vezes tirados dos países em vias de desenvolvimento». Assim, «em alguns conflitos sociais, encontra-se ao lado dos capitalistas». Situação incómoda, não há dúvida. Ninguém põe em causa os enormes encargos de uma «empresa» de dimensão mundial, como é a Igreja. Mas... uma coisa não justifica a outra. Uma certa imagem de ostentação, de riqueza e grandiosidade, não será o melhor testemunho nos dias de hoje para quem quer estar do lado dos pobres. E é uma imagem que pouco terá a ver com Cristo. Ou não?

2. O conclave que elegeu João Paulo I custou uns 300.000 contos. Soma considerável. Um tal movimento de dinheiros exige organização adequada. É aí que entra o Banco do Vaticano.

Mas o Banco do Vaticano não se limita a administrar os dinheiros da Igreja. É um banco com cerca de

7.000 depositantes e depósitos à roda dos dois mil milhões de dólares! Ai se encontram dinheiros de alguns dos mais ricos industriais italianos. O que não é por acaso, pois o Banco do Vaticano serve a essas famílias mais ricas para fugirem ao fisco italiano e iludirem as leis contra a transferência de capitais para o estrangeiro... De resto, os juros são atraentes.

Os fins não justificam os meios (aceitando que os fins são válidos). Ou justificam?

3. Diz-se que, nos últimos anos, houve alterações na política de investimentos do Vaticano, quer alargando a outros países, quer deixando de comprar acções em empresas ligadas à indústria de armamento e contraceptivos. Logo, deduzimos que, há poucos anos, o Vaticano tinha acções em fábricas de armamento e contraceptivos. Situação incómoda, mais uma vez. Francamente incómoda.

E o «espectáculo» de ver a Igreja torcer contra a proliferação da pílula, por razões de doutrina, e torcer a favor do seu fabrico e venda cada vez maior, por razões de finança?

Já se terá deixado disso, felizmente. Mas não se deixou de muitas mais coisas. As multinacionais também exploram. E a banca é o que se sabe. É o sistema capitalista...

Cristo falava de estar ao lado dos pobres e dos oprimidos.

Sim, porque é de Cristo que se trata ainda. Ou não?

## FARMÁCIAS

Quinta — Farmácia Higiene — Rua 19 n.º 393 - Tel. 920320  
Sexta — Grande Farmácia — Rua 62 n.º 457 - Tel. 920092  
Sábado — Farmácia Teixeira — Rua 19 n.º 46 - Tel. 920352  
Domingo — Farmácia Santos — Rua 19 n.º 263 - Tel. 920331  
Segunda — Farmácia Paiva — Rua 19 n.º 319 - Tel. 920250  
Terça — Farmácia Higiene — Rua 19 n.º 393 - Tel. 920320  
Quarta — Grande Farmácia — Rua 62 n.º 457 - Tel. 920092

## Talho e Charcutaria CENTRAL

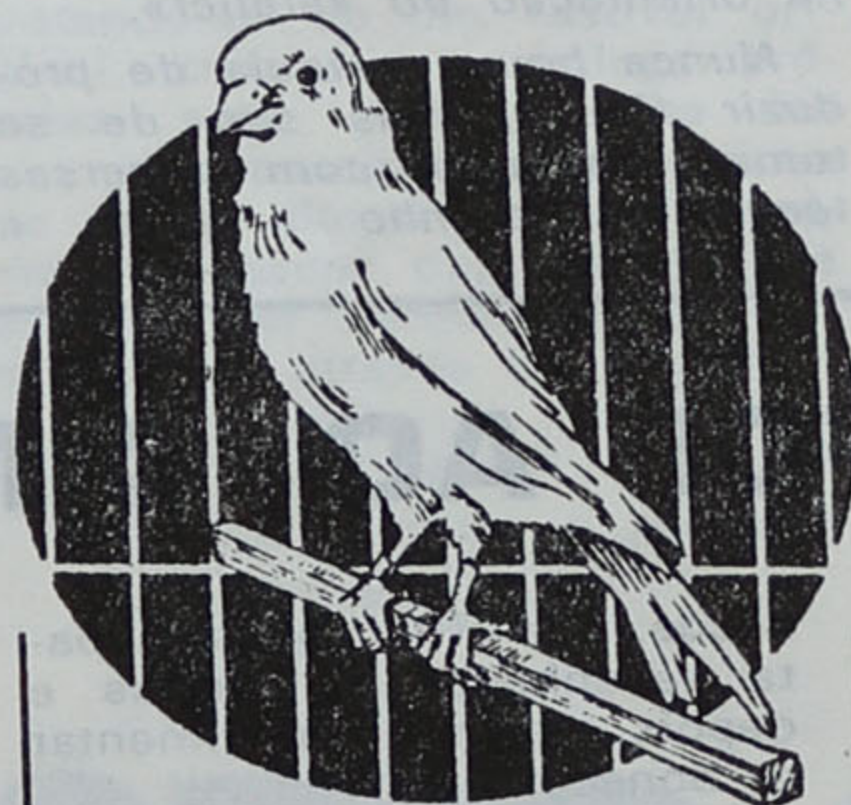
Servir bem — Boas carnes  
Rua 15 n.º 268 - ESPINHO

## Pintura de automóveis

com rapidez e perfeição  
Alzira Perelra de Azevedo  
Garagens: SOUSA e S. PEDRO

## Maré Viva

O JORNAL DA REGIÃO



## "O VIVEIRO"

Aquários - Alimentação  
Aves - Peixes  
Gaiolas nacionais e estrangeiras  
Pombos Correios - Pintos do dia

Rua 23 n.º 51 e 52  
Telef. 921622  
Merc. Municipal — Espinho



## PNEUS CAR

Centro de Vendas de Pneus  
Nacionais e Estrangeiros

Assistência Técnica

— Alinhamento de Direcções  
— Vulcanização de Câmaras  
— Equilíbrio de Rodas

TEL. 926326

Rua 18 n.º 1010 — ESPINHO

## TURISPRATA - Empresa de Transportes, Lda.

Aluguer de Luxuosos Autocarros com ar climatizado  
para excursões e turismo

Carreiras de Serviço Público

Orçamento e Estudo de Itinerários

Rua 19 n.º 343-1.º — Apartado 62 — Tel. 922907 — ESPINHO

Viajando em autocarro vê mais e melhor!

## MODAS MENDES

LANIFÍCIOS

MODAS — CAMISARIA

Rua 16 n.º 683 - Tel. 920168

ESPINHO

## FONSECA

TECIDOS — MODAS

Rua 19 n.º 275

Telef. 920413

ESPINHO

## Filomena Maia Gomes

— ADVOGADA —

ESCRITÓRIOS

R. 31 de Janeiro, 45-2.º — Tel. 21939

PORTO

R. 19 n.º 343, 1.º-Sala E — Tel. 922964

ESPINHO

SOCIEDADE

## MALHAS COPITEX

LDA.

Confecção de Malhas para  
Criança e Adulto

Rua 22 n.º 1200  
Apartado 76 ESPINHO

## ISAURA

CABELEIREIRA

Rua 16 n.º 752

ESPINHO

## Pinto de Matos

Médico Especialista ex-Assistente  
dos Serviços de Ortopedia das  
Universidades de Lausanne  
e Edimburgo

Fracturas e Doenças dos Ossos  
e Articulações

Rua 19 n.º 364-1.º — Telef. 921218

ESPINHO

ESPINHO — LISBOA — ESPINHO

Viagens em Autopullman — Part. diárias (excepto domingos)

Ida e volta — 360\$00 Só ida — 180\$00

c/ pequeno almoço mais 20\$00

Horários: Saída Espinho às 7,30 — Saída Lisboa às 17,30

Consulte a Agência de Viagens CONCORDE

Rua 12 n.º 628 — ESPINHO — Telef. 921941 ou 921285

Para desenvolvimento do turismo interno

## FUTEBOL

## FAFE, 1 - ESPINHO, 1

Conforme o programa: ganhar cá, empatar lá

Pinto a guarda-redes, Coelho, Gonçalves, Manuel José e Gomes na defensiva, quatro no meio campo (Meireles, Parra, João Carlos e Sobral) e dois avançados (Reis e Canavarro) foi a «linha» que Manuel José achou adequada para jogar na terra «onde ninguém fanfe».

O jogador-treinador continua a assegurar com a sua classe a tarefa de comandar o quarto defensivo e encheu com quatro homens (entre eles Meireles, o regressado) meio-campo, evidenciando a preocupação de segurar o jogo. Conseguiu-o plenamente na primeira parte e, mais do que isso, a equipa pôs-se logo a ganhar com um golo de Canavarro, aos 8 minutos, a aproveitar um excelente passe de Parra.

Tudo parecia correr pelo melhor, até que, ao quarto de hora da 2.ª parte, o Fafe marcou um golo (com a mão?), que motivou grandes protestos dos espinhenses. O Fafe cresceu e a defesa espinhense teve que se aplicar para não perder o jogo. Que até podia ter ganho,

no último minuto, quando Reis atirou ao poste.

Enfim, um bom resultado, o quarto empate consecutivo fora de casa, e a manutenção do primeiro lugar, de parceria agora com o Rio Ave e o Riopelle, já que o Penafiel se ficou

em Leixões. A manter-se o programa, «vitória cá, empate lá» este Espinho tem a 1.ª Divisão ao seu alcance.

Para isso vai ser importante bater o Riopelle, já no Avenida e no próximo domingo. Como está no programa.

## Juniore

## Mortágua, 0 - Espinho, 2

De novo isolado no 1.º lugar

A vitória espinhense nada teve de sensacional, mas já surpreendente foi o empate que o Lourosa consentiu em casa frente ao Tondela, que ainda há pouco aqui tinha levado com meia-dúzia. Este tropeção permitiu aos espinhenses isolarem-se de novo no 1.º lugar, com apenas 3 empates em 12 jogos, e com um ponto de vantagem sobre o Lourosa, única equipa que parece capaz de discutir a presença na fase final. O próximo jogo é no sábado

à tarde, no Avenida, com o Académico de Viseu. «Nunca se sabe», como diz João Félix, mas o mais provável parece ser uma vitória tranquila frente a uma das equipas mais frágeis desta série B.

## POR DECISÃO DO C. J.

## Riopelle já vem ao Avenida

Era aguardada com grande expectativa a reunião do dia 22 do Conselho Jurisdicional da Federação Portuguesa de Futebol, já que aí seria apreciado o recurso interposto pelo S. C. Espinho em relação ao inesperado castigo de interdição do campo da Avenida por quatro jogos.

A decisão do C. J. atendeu às razões do S.C.E., tendo aquele órgão enviado à F. P. F. o parecer de que a punição fosse reduzida para dois jogos, o que equivale, ao fim e ao cabo, à suspensão da interdição.

No entanto, e na altura em que fechávamos a nossa edição, ainda não era certo que o próximo jogo com o Riopelle se disputasse já no Avenida, pois, isso dependerá da aceitação pela F. P. F. do parecer do C. J. É o que acontece normalmente, mas ainda não estava excluída a outra hipótese, ou seja, o envio do parecer a instâncias superiores.

O mais provável porém, é que as coisas fiquem por aqui, sem prejuízos desportivos (que não financeiros...) para o clube, que até ganhou os jogos que disputou com o Paredes e o Tadam.

Mas que sirva de lição aos que derem azo a este castigo. Se o desportivismo e a educação não lhes dizem nada, que ao menos tenham em conta os interesses do clube. Se é que isso lhes interessa mesmo...

## Torneio de Mini-Volei da Académica de Espinho

Realizou-se no passado domingo, no pavilhão Arq.º Jerónimo Reis e também no do Ciclo Preparatório um torneio de mini-volei organizado pela AAE com o patrocínio da Associação de Voleibol do Porto e integrado no plano Conjunto da Federação Portuguesa de Voleibol / Direcção Geral dos Desportos, para o fomento da modalidade.

O torneio, que não tinha interesse competitivo, contou com a presença de perto de 40 equipas, representando aproximadamente 10 clubes, e movimentou cerca de 250 miúdos de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 8 e os 12 anos.

Lá diz o ditado que «é de pequenino que se torce o pepino» e para o voleibol evoluir verá ser só feito nos clubes, mas de base junto dos mais pequenos, trabalho este que não deverá ser feito nos clubes, mas nos estabelecimentos de ensino, enquadrado numa perspectiva global de desenvolvimento do desporto em Portugal. Só assim se andará para a frente.

## DESPORTO

## EM PATINS

## Juniore da A. A. E. destroçaram F. C. Porto por 12-2

Pouco menos do que sensacional a estreia da equipa de juniore da AAE no campeonato regional do Porto. Nas Antas, frente ao campeão regional da época passada, uma vitória por 12-2 abre excelentes perspectivas para a época agora iniciada.

Com a presença de três ex-iniciados (Victor Hugo, Sousa e Nelito) que passaram por cima da categoria intermédia de juvenis, a equipa espinhense, comandada pelo Victor, (9 golos!) realizou uma exibição excepcional e conseguiu um resultado que poderia ser ainda mais volumoso, não fora o tom de dureza excessiva imprimido pelos portistas.

Para quem contava ter de esperar mais tempo para que os mais «miúdos» ganhassem «endurance» numa categoria de maior exigência física, aí está a resposta. Já temos juniore para fazerem muitas coisas nesta época.

Os juvenis também se estrearam com uma vitória por 1-0 frente à equipa B do mesmo F. C. Porto, a mais forte deste clube. Um excelente resultado, também.

## RESULTADOS

## VOLEIBOL

## SENIORES MASCULINOS

Porto, 3 — SCE, 0  
SCE, 3 — Fiães, 0  
V. Andorinho, 0 — AAE, 3

## FEMININOS

Esmoriz, 0 — SCE, 3  
SCE, 3 — Paredes, 0

## JUNIORES MASCULINOS

SCE, 3 — Oliveirense, 0  
Madalena, 1 — SCE, 3

## FEMININOS

SCE, 3 — Esmoriz, 1  
JUVENIS MASCULINOS

SCE, 3 — C. Maia, 0  
AAE, 1 — Porto, 3

## INICIADOS MASCULINOS

SCE, 3 — Coimbrões, 1  
AAE, 0 — C. Maia, 3

## ANDEBOL

## SENIORES

Porto, 33 — SCE, 20  
JUNIORES

SCE, 20 — Salgueiros, 8  
JUVENIS

C. Carvalhos, 19 — SCE, 13

## HÓQUEI

## EM CAMPO

No passado sábado, 18, por não haver campo disponível para o Torneio Início, a equipa de honra da AAE deslocou-se ao Porto para um jogo-treino com a equipa dos ingleses do «Cricket», no campo relvado destes, perdendo por 2-1.

No mesmo dia as reservas perderam com o Perosinho B por 2-0.

No sábado, 25, em Vila Nova de Gaia, a equipa A venceu o Vilanovense por 4-0 e as reservas perderam com a equipa B do mesmo clube por 3-0.

## Ernesto Ferreira

## ODONTOLOGISTA

Boca e Dentes

Rua 18 n.º 582 - 1.º Dto.  
Telef. 921408 — ESPINHO

## Cerqueira Fernandes

SOLICITADOR

AV. 24 N.º 741 S/D

Tel. 923129

## ALFAIATARIA MANO

José Ricardo Mano

Executa com perfeição todo o serviço para homem, senhora e criança

Rua 30 n.º 731 — ESPINHO  
Telef. 921823

## VISTA OS SEUS FILHOS

NA

BOUTIQUE MI

Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

## CASA LUISA NOGUEIRA

## João César da Costa

Depósito de Frutas — Vendas por junto e a retalho

Rua 16 n.º 750 ESPINHO Telef. 920304

## FÉRIAS DE INVERNO

MADEIRA — LONDRES — PARIS

Viagens de Avião c/ Hotel — Fins-de-semana e 1 semana

Preços excepcionais — Peça-nos programas detalhados

## Agência de Viagens CONCORDE

Rua 12 n.º 628 — ESPINHO — Telef. 921941 ou 921285

## ESTABELECIMENTO DE MÓVEIS E DECORAÇÕES

ESPECIALIDADE EM MOBILIAS DE ESTILO SÉCULO XVII

JOSÉ AZEVEDO PERES BIZARRO

R. 4 n.º 667 — Tel. 921324  
ESPINHO

## 1.º Exposição Concurso de Canários de Espinho

NO SALÃO DA PISCINA

DIAS 1, 2 e 3 de DEZEMBRO DE 1978

Inscrições abertas na sede do Sporting Clube de Espinho em 24 e 25 do corrente mês.

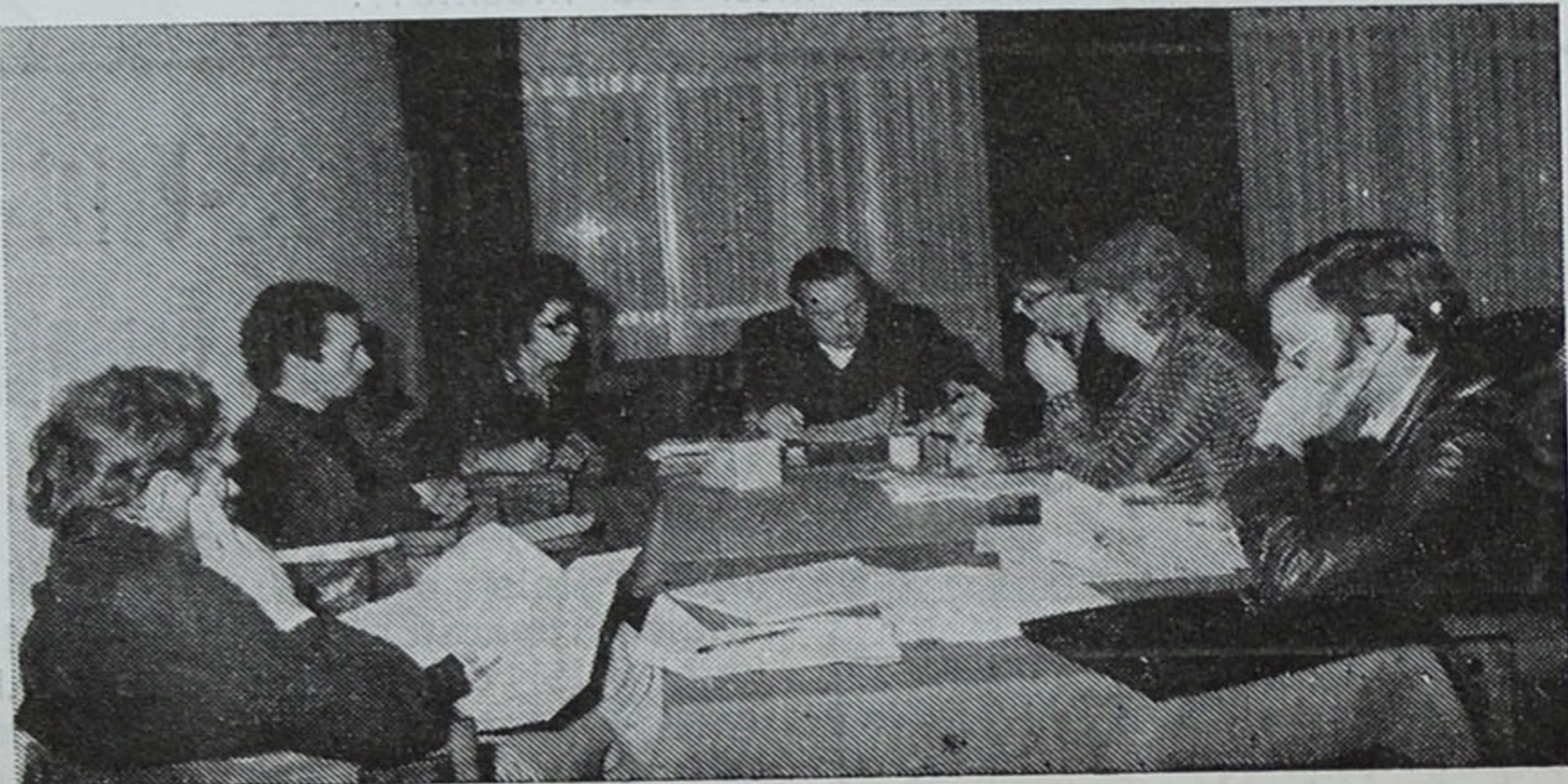
— A distribuição de prémios será feita no dia 8 de Dezembro, no Salão de Festas do Casino.

«O Festival de Espinho é bastante jovem e pode dizer-se que não encontrou ainda o seu perfil próprio. O trabalho do júri, de que fiz parte, tentou de certo modo ajudar à definição desse perfil. Todos estivemos de acordo em que se deve dar a possibilidade de premiar aqui filmes que não são premiados noutros locais. Eu explico melhor: notou-se que foram aqui premiados filmes que, por assim dizer, não foram notados noutros festivais. E apetece dizer: «Parece impossível que filmes com este nível não tenham ainda sido premiados!» Porquê isto? É que os outros festivais são muito grandes, demasiado grandes. Passa-se o dia inteiro a ver filmes. E acontece com frequência que são premiados não os filmes que são bons mas os filmes que parecem

bons. São tantos filmes que é impossível uma análise cuidadosa e atenta. Para não falar num certo tipo de pressões que por vezes se sentem nesses festivais... Ora nada disso acontece aqui. O Festival de Espinho não é demasiado grande. E vai desenhando um certo perfil próprio.

Sou de opinião que estes festivais podem ser uma boa iniciativa, mas há que encontrar o público. Aqui pareceu-me haver ainda pouca gente sensibilizada para o Cinema de Animação. Há todo um trabalho que convirá fazer. E, depois, todo um cuidado na programação que possa cativar as pessoas de imediato. Difícil, sem dúvida. Mas poderá estar aí o grande valor destes certames.

(Daniel Szczechura)



REUNIÃO DO JÚRI DO CINANIMA 78

## 1.º ENCONTRO DE ACTIVISTAS DA NASCENTE

Continuam a desenvolver-se os trabalhos preparatórios do 1.º Encontro de Activistas da Nascente, estando já a ser distribuídos os textos com as sugestões a ter em conta na planificação da actividade da Cooperativa no próximo ano. Assim, no texto dedicado às actividades infantis e juvenis começa por afirmar-se: «Porque o ano de 1979 é dedicado internacionalmente à Criança, parece-nos que será uma boa oportunidade de lançar nesse ano um programa de actividades infantis que sirva de arranque para acções mais amplas e duradouras», acrescentando-se depois que se julga importante que «as acções de diversão sejam concebidas de modo a implicar as crianças na sua realização e a fomentar o desenvolvimento do espírito criativo nas várias manifestações de cultura».

No texto que analisa as actividades para trabalhadores refere-se a importância do desenvolvimento de iniciativas junto dos seus locais de trabalho e o contacto estreito com as organizações de classe. No que se refere ao apoio que a Nascente deve dar à criação e desenvolvimento de novos grupos culturais na região, é realçada a importância do contacto com todas as estruturas organizativas das localidades, nomeadamente Juntas de Freguesia e associações populares, bem como a ajuda directa e que se pode revestir de várias formas, desde a presença de animadores culturais à cedência de material, divulgação de experiências e garantia de espectáculos.

Ainda num outro texto de grande importância, este sobre o tema das actividades de carácter popular, refere-se que há ainda uma grande faixa da população que não tem contacto com as realizações da Nascente, e que é desejável que se façam esforços no sentido de atrair às actividades pessoas de zonas populacionais mais dificilmente enquadráveis em actividades culturais.

Mas precisamente porque não se ignoram as características especiais desses meios e as suas necessidades, é que se diz que «pensamos que o desenvolvimento de actividades culturais de ordem popular não se poderá limitar à cultura no seu sentido mais restrito. Há aspectos de formação para a vida que não se poderão esquecer. Uma população sem emprego, sem casa, sem comida, não aceita só palavras, teatro, livros, etc., pois isso não lhe resolve o problema, pelo menos o mais imediato. Julgamos assim que nenhum problema popular deverá ser estranho à Cooperativa, e para além de contribuímos para uma maior cultura da população há que encarar a cultura sempre ligada à vida do quotidiano».

E mais ideias aparecem, muitas sugestões para dar uma nova importância à actividade organizada da Nascente. Ao longo dos próximos fins de semana tudo isto será extensamente discutido e espera-se que num debate geral possam ser aprovadas as linhas gerais de acção da Cooperativa Nascente para o próximo ano. Entretanto se algum sócio ou amigo da Nascente desejar contribuir para o debate poderá solicitar exemplares do texto submetidos à discussão.

## OS PRÉMIOS

Filme com duração inferior a 3 minutos — «A Luta» de Marcel Jankovics (Hungria).

Filme com duração entre 3 e 25 minutos — conjunto de filmes da Polónia «Visto de Cima» de Marek Komza, «Sempre Pronto» de Leznek Komorowsky e «A Passagem de Nivel» de Jerzy Kucia.

Filme com duração superior a 25 minutos — «Amir Hamzeh» de Nouredine Zarrinkelk (Irão).

Filme de temática «Infância e Juventude» — «Um Ouriço Desorientado» de Yuri Norchteyn (União Soviética).

Filme de temática «Informação» e filme realizado por estudante — prémios não atribuídos.

Filme de temática «Didáctico» — «A Avó Gi-bóia» de I. Ufimzev (União Soviética).

Para nós foi um grande prazer ter participado no festival, tanto mais que as pessoas e o ambiente criado foram muito amistosos. Aliás, teremos ocasião de divulgar este festival no Japão e é possível que no futuro haja mais filmes do Japão a concorrer, porque embora tratando-se de um festival mais pequeno do que outros que conhecemos, este para nós foi o mais agradável, aquele em que nos sentimos melhor. No próximo ano mandaremos um novo filme, que estamos a acabar.

Renzo e Sayoko Kimoshita (realizadores)

## «O QUE SE FEZ JÁ EM DOIS ANOS...»

O Cinanima ganhou este ano uma dimensão nova, com o funcionamento do «atelier», que pode e deve ser um meio excelente para que o Cinema de Animação seja descoberto por novas pessoas — em especial os estudantes das Belas Artes — como um excelente meio de expressão e comunicação artística. Pela reacção das crianças e jovens que aqui estiveram, o «atelier» veio também provar que se trata de um campo de grande interesse didáctico na educação e comunicação visual.

O Festival talvez não tenha tido os filmes excepcionais do ano passado, e estou-me a lembrar do «Castelo de Areia», da «Rua», do «Paisagista», mas teve um nível médio superior. A organização foi eficiente, apesar da falta de estruturas e do imprevisto a que teve de recorrer algumas vezes. Acho que os resultados compensam todo o trabalho que houve e que o que se fez já em dois anos é uma garantia da continuação do Festival.

Maria Guiomar, S. E. C.

## NOVE PAISES À VOLTA DE UMA MESA

A ideia era promover, no âmbito do CINANIMA, uma troca de informações e de pontos de vista sobre o Cinema de Animação em diversos países. A ocasião era óptima, pois se encontravam em Espinho bastantes estrangeiros.

Foi uma mesa redonda que juntou representantes de Espanha, da Suíça, da URSS, da Polónia, da França, da Bélgica, do Japão, da Inglaterra e, naturalmente, de Portugal. Presentes ainda elementos da imprensa.

De cada país soubemos alguma coisa, no seguimento de diversas exposições. As perguntas que vieram depois ajudaram a clarificar algumas ideias.

Na União Soviética há estúdios de C. A. em quase todas as repúblicas, não só em Moscovo. Estúdios que dependem directamente do Estado, pelo qual são subsidiados. Para além desse trabalho de profissionais há ainda, no âmbito dos estúdios, grupos de estudantes que, orientados por um especialista, vão dando os primeiros passos na Animação.

No Polónia a situação não é muito diferente, conforme informou a delegação polaca. Há quatro estúdios, também subvencionados estatalmente. E fazem-se muitos filmes, cerca de 100 por ano, 80% dos quais são para crianças. Os filmes animados deste país, como pudemos ver, são muitas vezes de avançada técnica e até de difícil compreensão. Como reagirá o público polaco? Adere? A esta pergunta se respondeu que há públicos e públicos e as coisas variam mesmo conforme os locais onde são projectados. E dá-se, na verdade, o caso de haver muitas vezes filmes polacos com grande êxito a nível de Festivais e da crítica especializada que não são muito bem aceites pelo público, dada a sua complexidade.

Quanto à Inglaterra, como aliás em relação aos outros

diversos. Aí, todos os realizadores são independentes e pagam do seu bolso os filmes que querem fazer. Dinheiro, consegue-se através do filme publicitário ou filmes educacionais encomendados por organismos do governo (nos campos da saúde, comunicações, cultura...). Filmes subsidiados, sim, mas mais no campo experimental, dentro de um estúdio estatal.

Na Espanha e em Portugal é também assim. Quem quer fazer cinema de animação só pode sobreviver se se dedicar à publicidade ou, ao mesmo tempo, ao filme de imagem real. Nos intervalos, faz-se um filme de que se gosta. De longe a televisão, que poderia ser uma boa saída, normalmente não abandona os tradicionais mercados americanos. Lá se queixava Pablo Nuñez de que teve de vender uma série que realizou à televisão italiana, porque a espanhola não se interessou pela obra de um espanhol...

O controverso «coelhinho verde» português ainda tem um bocadinho de sorte, pois foi comprado pelo IPC, no total de 13 episódios. Entretanto outras obras de maior qualidade são pagas do próprio bolso ou... nem sequer podem passar de belos projectos!

E na Bélgica? Aí a produção não é grande. Em contrapartida, há diversas escolas em funcionamento, devidamente auxiliadas, que funcionam sem problemas. Estúdios de produção, não. Na França já a produção é bastante maior; há muitos autores independentes que conseguem diversos tipos de ajuda oficial, antes ou depois de fazerem os

filmes. É digno de nota que, neste momento, estão em curso cinco longas-metragens de Cinema de Animação francês, facto sem dúvida invulgar.

Também na Suíça gira tudo à volta da publicidade e da televisão. Produzem-se cerca de 20 filmes por ano, todos eles individuais, embora com possibilidades de subsídios.

Este apanhado muito rápido, viu-se, repete uma série de dados. Foi notório que na mesa-redonda surgiram muitos pontos comuns aos diversos países, sobretudo no domínio das dificuldades económicas. E dois grandes blocos se definiram, como é habitual. De um lado, URSS e Polónia, com estúdios directamente ligados ao Estado e com profissionais a trabalhar no C. A. sem problemas económicos ou necessidade de recursos a outras fontes. De outro lado, todos os países da Europa Ocidental, onde as produções são individuais, os estúdios que existem são privados e os subsídios pontuais nem sempre se conseguem.

Ao longo da conversa foram-se tirando algumas conclusões. Assim, representantes de alguns países lamentaram que o C. A. não pudesse ser economicamente independente. Percebeu-se ainda que haveria alguns inconvenientes em que fosse exclusivamente o Estado a apoiar directamente toda a produção nacional de Cinema Animado. Finalmente, viu-se que a problemática do C. A. também não escapa à ligação que tem de se fazer entre as manifestações artísticas e as condições socio-económicas do país onde se vive e trabalha.



PORTE PAGO